

Provocações de Michel Foucault para uma reflexão teológica em tempos de pandemia

Marina Pascual Pizoni¹

Resumo: O presente artigo procura trazer algumas das provocações do pensamento de Michel Foucault sobre a relação corpo, medicina e biopoder para a reflexão teológica no atual contexto da pandemia do COVID-19, tempo em que a medicina adquire lugar altamente central. Diante disso, será analisada a questão da medicina social como estratégia biopolítica na construção dos sujeitos, formação de identidade sanitária, normatização de corpos e vidas. Busca-se, em conclusão, dialogar com a ação de cura por Jesus dos corpos doentes, locus da experiência de Deus.

Palavras-chave: Corpo. Biopolítica. Covid-19. Medicina Social. Reflexão Teológica.

Abstract: The present article seeks to bring some provocations of Michel Foucault's thought about the relationship between body, medicine and biopower to theological reflection in the current context of the COVID-19 pandemic, a time in which medicine acquires a highly central place. Therefore, the issue of social medicine will be analyzed as a biopolitical strategy in the construction of subjects, formation of health identity, normalization of bodies and lives. In conclusion, it seeks to dialogue with Jesus' healing action of sick bodies, the locus of God's experience.

Keywords: Body. Biopolitics. Covid-19. Social Medicine. Theological Reflection.

Resumen: Este artículo busca acercar algunas de las provocaciones del pensamiento de Michel Foucault sobre la relación entre cuerpo, medicina y biopoder para la reflexión teológica en el contexto actual de la pandemia de COVID-19, un momento en el que la medicina adquiere un lugar muy central. Por tanto, se analizará el tema de la medicina social como estrategia biopolítica en la construcción de sujetos, formación de identidad en salud, normalización de cuerpos y vidas. En conclusión, busca dialogar con la acción curativa de Jesús de los cuerpos enfermos, locus de la experiencia de Dios.

Palabras clave: Cuerpo. Biopolítica. Covid-19. Medicina Social. Reflexión Teológica.

INTRODUÇÃO

Michel Foucault nasceu em Poitiers, em 1926, em uma família composta predominantemente por médicos. Não se dedicou a tal carreira, embora a temática médica estivesse presente em seus discursos ao longo de sua vida. Em sua jornada como professor, teve grande influência do marxismo e da psicanálise. Muito se dedicou ao estudo da psicologia, psiquiatria e questões próprias da área da saúde numa visão ímpar acerca das relações entre poder,

¹ Marina Pascual Pizoni fez a sua iniciação científica entre 2020 e 2021, como bolsista FAJE, enquanto cursou a graduação em Teologia na FAJE. Foi orientada pelo Prof. Dr. Geraldo De Mori e teve seu plano de trabalho vinculado ao projeto de pesquisa de seu orientador, intitulado "As interfaces da antropologia na teologia contemporânea. Corpo-Encarnação. Teologia à escuta do saber epistêmico interdisciplinar", ligado ao grupo de pesquisa 'Interfaces'. E-mail da autora: marina.pizoni@gmail.com.

subjetividade, modos de produção, entre outros. Desde o início dos anos 70, participou de variadas ações e projetos nesses âmbitos (Grupo de Informação sobre a Saúde, Grupo de Informação sobre o Asilo, Grupo de Informação e Sustentação dos Trabalhadores Imigrados e o Grupo de Informação sobre as Prisões).

Os anos 70 marcam um novo encaminhamento nas investigações desse autor: os resultados de suas pesquisas se direcionavam ao questionamento do *locus* e da função da medicina na sociedade. Nesse ínterim, encontra-se em cena a marcada oposição entre medicinas: de um lado, direcionada para o indivíduo e o tratamento de sua doença em específico, está uma medicina de caráter individual; de outro, uma medicina que vai para além do individual e da cura de uma doença, mas que aspira à sua prevenção, caracterizando uma medicina social. Ela não se detém na enfermidade em si, mas se atenta ao que se refere à gestão do conjunto dos indivíduos: a população.

Cabe-nos, então, o questionamento: a medicina é um elemento individual ou coletivo? Foucault nos propõe a ideia de medicina social, pois, para ele, tal medicina seria, dentre muitas outras, uma decorrência do desenvolvimento de modos, saberes e técnicas que possui como objeto o mundo social. Do desenvolvimento da ideia e da aplicação da medicina social à sociedade, seguiram-se várias direções e rumos, tendo ela sempre se adaptado às condições políticas, sociais e econômicas de cada país.

A medicina passou a ser instrumento de solução para alguns problemas sociais que a sociedade recém industrializada perpassava:

As análises genealógicas se complementam com o mapeamento do poder disciplinar e, em seguida, com o biopoder. Para Foucault, a constituição do Estado moderno, com a gênese e o desenvolvimento das novas relações de produção capitalistas, leva à instauração da anátomo-política disciplinar e da biopolítica normativa enquanto procedimentos institucionais de modelagem do indivíduo e de gestão da coletividade; em outras palavras, de formatação do indivíduo e de administração da população (DANNER, 2010, p. 144).

A partir desses pontos do pensamento de Foucault no que concerne a temática da biopolítica e do biopoder, o presente trabalho busca trazer a reflexão para questões latentes de nossa sociedade, como a pandemia do COVID-19 e seus percalços, dissertando a respeito dessa problemática e, por fim, propondo uma possível reflexão teológica a respeito dessa situação na perspectiva do corpo. Para isso, serão abordadas as concepções de Medicina Social como estratégia biopolítica, o conceito de necropolítica e uma análise acerca do corpo tendo por base o relato da mulher hemorroíssa, do Evangelho segundo Marcos.

1 PENSAR A BIOPOLÍTICA A PARTIR DE FOUCAULT

“Biopolítica: eu entendia por isso a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos à prática governa-

mental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças...” FOUCAULT, 2008, p. 431)

Antes mesmo de adentrarmos na contribuição do autor francês acerca da biopolítica, é necessário que se clarifique a particularidade existente entre História e sociedade na relação entre corpo e poder com que Michel Foucault se atentou. Para ele, as dimensões História e sociedade são âmbitos inerentes ao embate de dominações, um intenso confronto de forças sociais, competição incessante. Com isso, a base dessa disputa entre forças no campo social e histórico é a intensão de disciplinar e dominar corpos para que se tornem “dóceis”. O poder, para Foucault, se dá sobre a vida, fazendo-se como componente fundamental nessa conjuntura.

É nesse cenário de conflitos históricos e movimentos de arranjo sobre o corpo, mediante o poder disciplinar, que se encontra, na obra de Foucault, um detalhamento inédito acerca da origem e evolução de práticas de saúde pública. Essas práticas surgiram na Europa, principalmente, a partir do século XVIII, e foram dirigidas pelo Estado com a evolução do regime capitalista. Atualmente, elas são vistas como substanciais por grande parte da população mundial, entretanto, não foram concebidas numa perspectiva de ideais exatamente humanitários. Trata-se de questões no campo da saúde da família, no trabalho, em relação à salubridade urbana e à vacinação.

O capitalismo, que se desenvolveu em finais do século XVIII e começos do século XIX, socializou um primeiro objeto, que foi o corpo, em função da força produtiva, da força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se operou simplesmente através da consciência ou da ideologia, mas exerceu-se no corpo, e com o corpo (FOUCAULT, 1999, p. 366).

Segundo Foucault, para isso, se dava um forte controle nas operações do corpo, sujeitando-o a constantes forças numa relação de “docilidade-utilidade”. Sendo assim, tornou-se necessária a implementação de instituições, ao longo da História, de vigilância: polícia, entidades médicas, psicológicas, psiquiátricas, criminológicas, pedagógicas, entre outras, as quais objetivam uma determinada correção; vão delimitando o indivíduo ao longo da sua existência (FOUCAULT, 1987, p. 119-120). Pela primeira vez na história, o biológico reflete-se no político; o fato de viver cai, em parte, nas “mãos controladoras” do saber e da intervenção do poder. Ele deixa de ser o “alicerce inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade.” (FOUCAULT, 1979, p. 134).

Sob essas circunstâncias, insere-se na temática da biopolítica na sociedade ocidental, da entrada da vida na cadeia dos cálculos e relações marcados do saber-poder. A primeira vez que o conceito de biopolítica surgiu no pensamento de Michel Foucault foi em uma

conferência no Rio de Janeiro, em 1974², que possui como título “O Nascimento da Medicina Social”. Mas foi apenas em 1976 que Foucault amplia e confere certo grau de importância ao conceito mediante a publicação de “A Vontade de Saber” e, depois, com os cursos ministrados no Collège de France em 1975 e 1979, intitulados “Em Defesa da Sociedade”, “Segurança, Território e População” e “Nascimento da Biopolítica” (DANNER, 2010, p. 153).

No que se refere ao biopoder, vemos que, para Foucault, seu conceito possui duas definições: a anátomo-política do corpo e a biopolítica da população. A primeira alude aos aparelhos que disciplinam e extraem do corpo humano sua força produtiva dentro das instituições. A segunda busca “adestrar”, por meio dessas mesmas instituições de disciplina (hospitais, casas de repouso, indústrias, universidades, escolas, entre outros locais para a “formação” do ser humano), a sociedade (FURTADO; CAMILO, 2016). Tais entidades objetivam a gerência sobre o corpo ao ponto de discipliná-lo. A partir disso, ocorre o controle do Estado por intermédio do saber (conhecimento técnico e científico). Alguns exemplos dessas atitudes são o controle sobre os nascimentos - cultura cesarista -, situações epidêmicas/pandêmicas, longevidade, fluxos migratórios, entre outros. Pode-se inferir que essas duas linhas se interseccionam: a anátomo-política do corpo encontra a biopolítica da população.

Com a compreensão dos conceitos de biopoder e biopolítica, é possível identificar como se apresentam e funcionam as políticas na contemporaneidade, as quais gerem vidas e controlam corpos. Segundo Achille Mbembe³, Foucault apresenta a noção de biopoder através de um âmbito biológico de poderes “em que se subjugam a vida ao poder da morte, isto é, o ser humano passa a pertencer a grupos e subgrupos, em que uns devem viver e outros devem morrer.” Ademais, o filósofo camaronês⁴ afirma que, para Foucault, esse processo se dá mediante a divisão e subdivisão de pessoas em agrupamentos, passando a agir como um processo tecnológico que viabiliza o funcionamento do biopoder – exemplo claro para ele são as questões raciais (SOUSA, 2021, p. 6). Por conseguinte, “o Estado executa funções que viabilizam a morte de vidas secundárias, consideradas descartáveis.” Entrementes, é que se tornam manifestas as questões da necropolítica.

A expressão máxima da soberania é a produção de normas gerais por um corpo (povo) composto por homens e mulheres livres e iguais.

2 Em 1974, no Rio de Janeiro, Foucault profere conferências intituladas “Crise da medicina ou crise da Antimedicina” e “O Nascimento da Medicina Social”, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Elas foram publicados apenas em 1976 nas composições posteriores: o primeiro tomo da História da Sexualidade e no curso Em Defesa da Sociedade.

3 Segundo Achille Mbembe, há um “deslocamento espacial das concepções de biopoder e biopolítica” ao partirem de análises direcionadas à realidade europeia para pensarmos-as em outros contextos. Vai para além, ainda, do âmbito pós-colonial africano, como se vê traços de colonialidade de modo pertinente, por exemplo, na realidade brasileira. A compreensão desse aspecto é de fundamental relevância para analisar as questões contemporâneas em nosso contexto. Em suma, os pressupostos da necropolítica e a sua relação com a biopolítica possuem, tanto metodológica quanto epistemologicamente, potencial de análise para temáticas mundiais.

4 Joseph-Achille Mbembe, conhecido como Achille Mbembe, é um filósofo camaronês, teórico político, e intelectual público.

Esses homens e mulheres são considerados sujeitos completos, capazes de autoconhecimento, autoconsciência e autorrepresentação. A política, portanto, é definida duplamente: um projeto de autonomia e a realização de acordo em uma coletividade mediante comunicação e reconhecimento (MBEMBE, 2018, p. 9).

Mbembe cria o termo “necropolítica” tendo em vista complementar, de certa forma, o conceito de Michel Foucault no que diz respeito a biopolítica. Em resumo, tem-se que “a necropolítica trata de uma política de ‘estado de sítio permanente’”. Nesse “regime”, alguém que é tido como soberano e, assim, estabelece quem serão aqueles que devem viver e os que podem morrer. Tal soberano, segundo Mbembe, é aquele que procura constantemente deter o exercício do poder, que vai para além dos limites da ciência e da racionalidade. A necropolítica difere da biopolítica também no que diz respeito à sua territorialidade: enquanto a primeira abrange muitas e variadas regiões, a segunda, para Foucault, dispõe-se “dentro daqueles territórios nos quais o poder é exercido por meio de contratos sociais, dentro de um contexto majoritariamente europeu” (SOUZA, 2021, p. 6).

A noção de biopoder será suficiente para designar as práticas contemporâneas mediante as quais o político, sob a máscara da guerra, da resistência ou da luta contra o terror, opta pela aniquilação do inimigo como objetivo prioritário e absoluto? A guerra, não constitui apenas um meio para obter a soberania, mas também um modo de exercer o direito de matar. Se imaginarmos a política como uma forma, devemos interrogar-nos: qual é o lugar reservado à vida, à morte e ao corpo humano (em particular o corpo ferido ou assassinado)? Que lugar ocupa dentro da ordem do poder? (MBEMBE, 2017, p. 108).

A partir dessa concepção de “soberania”, vê-se que o governante passou a ter o encargo de “institucionalizar” a nova vinculação de poder com a vida. Ou seja, não caberia mais a ele a incumbência de desejar o direito à morte – referência à crítica de Foucault à noção moderna de poder (hobbesiana). Com efeito, segundo Foucault, trata-se de uma era do biopoder, a qual fundamenta e legitima o aparato do Estado para a dominação do indivíduo, ao mesmo tempo que promove a impressão de aumento das forças individuais. Na realidade, essa era torna os corpos, como já foi dito anteriormente, “dóceis”, ou seja, bastante passíveis de dominação. É no investimento das forças de produção e pela manutenção da vida que há geração de produtividade, e não pela repressão.

De modo lamentável, pode-se perceber essas questões nos tempos em que vivemos – de grave crise sanitária - em discursos de alguns de nossos governantes. Por muito tempo, a doença do COVID-19 foi tida como sendo similar, senão idêntica, a uma situação de “gripe-zinha”. Essa posição fez com que se ignorassem fatores urgentes e cruciais para a contenção da proliferação do vírus, em que muitas mortes poderiam ser evitadas. Vive-se um forte

movimento de negação e supervalorização de questões econômicas em comparação à vida e ao respeito à dignidade humana. Estimulou-se a aglomeração e o trabalho, principalmente daqueles que mais se expõem a locais com grandes contingentes populacionais – em sua maioria, os pobres.

Isso nos faz voltar à questão do poder soberano – esse que decide quem tem o direito da vida ou da morte. Os Estados pronunciam-se mediante a alegação de proteção dos cidadãos frente a esse tempo de pandemia. Para isso, recorrem aos seus poderes de restrição e possibilidade acerca dos modos de agir da população. Mas, evidentemente, isso não ocorre como uma simples equação – a desigualdade estrutural interfere, veementemente, nesse processo. No Brasil, uma “biopolítica de vida” não alcança, na maioria das vezes, os pobres e marginalizados, mas pelo contrário, quem os alcança com maior obstinação é a da morte (SILVA; SILVA, 2020, p. 366).

2 A MEDICINA SOCIAL COMO ESTRATÉGIA BIOPOLÍTICA

“A medicina define não somente o que é anormal e o que não é, mas, por fim, o que é lícito ou ilícito, criminal ou não criminal, o que é abuso ou prática maligna.”

(Michel Foucault, *As grandes funções da medicina em nossa sociedade*, 1972)

Como se viu, a biopolítica, por meio de dispositivos de segurança, conduz-se sobre as vontades naturais da população em saciar seus desejos e interesses. Por meio disso, promove novas vontades, mas artificiais, e interesses comuns. Sua ação se configura de modo que não sofra resistências, objeções contundentes acerca do seu funcionamento, e, assim, se dá sua própria dinâmica de resistência. Dessa forma, as relações de poder se modificam conforme sua atuação, em que, segundo Foucault, trata-se de uma dinâmica do corpo social que tem como base forças que envolvem sempre uma relação de poder.

A biopolítica, tomada de poder sobre os corpos, é um meio de estudar a biologia não só como uma história natural, mas como uma história da humanidade - “a maneira pela qual se tentou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas propostos à prática governamental, pelos fenômenos próprios a um conjunto de seres vivos constituídos em população: saúde, higiene, natalidades, raças [...]” (FOUCAULT, 1997, p. 89). Percebe-se que a biopolítica opera através da medicina no controle dos corpos - condiciona a administração da vida ao biopoder; e a medicina, estratégia biopolítica, certifica a passagem epistemológica da biopolítica do corpo, usa o corpo como premissa desse novo momento da sociedade.

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-

política. A medicina é uma estratégia biopolítica (FOUCAULT, 2012, p. 47).

A partir do século XVIII, a medicina passou, segundo Foucault, por uma nova conformação: seu objetivo, para além de curar doenças, traz consigo um caráter normativo de controle e regulamentação. Interfere nas necessidades cotidianas coletivas, toca na vida física e moral dos sujeitos. De prática individualista entre o médico e paciente para a noção de autoridade interventora que influencia em todos os aspectos da vida, e define “[...] não somente o que é normal e o que não é, mas, por fim, o que é lícito ou ilícito, criminal ou não criminal, o que é abuso ou prática maligna” (FOUCAULT, 1972, *apud* FREITAS, 2020, p. 187).

Foucault vai utilizar, para evidenciar a influência da medicina nos mais diversos aspectos da vida, o termo medicalização⁵. Pode-se partir da concepção que medicalização possui dois sentidos para o filósofo. O primeiro relaciona-se propriamente à medicina como prática social, ou seja, trata-se da ação do Estado para a população, enquanto o segundo relaciona-se à não possibilidade de resultarem práticas do corpo de modo alheio à medicina. Mediante estudos científicos, dados estatísticos, sobre a saúde, doenças, padrões, normalidade e anormalidades, a medicina vincula-se ao cotidiano da população, fazendo papel de regulação. É observadora da salubridade pública, de uma higiene, que vai para além de uma genuína busca de prevenções e/ou curas de determinadas doenças.

A medicalização, ou seja, o momento em que a existência, a conduta, o comportamento, o corpo humano se incorporaram, a partir do século XVIII, a uma rede de medicalização cada vez mais densa e ampla que, quanto mais se efetiva, menos escapa à medicina (FOUCAULT, 1977, p. 4, tradução nossa).⁶

Para Michel Foucault, é necessário que se busque de onde vem a medicina social, sua origem. Segundo ele, isso se dá pela afluência dos fenômenos presentes no entorno da geração do capitalismo. São eles: o desenvolvimento do Estado, a urbanização e finalmente, a necessidade de controlar as novas massas de pobres e trabalhadores urbanos (garantindo ao mesmo tempo uma força de trabalho saudável). Facilmente, poder-se-ia propor que, pela ocasião da entrada do sistema capitalista, a medicina se tornaria uma atividade de caráter individual e de estrita preocupação com o lucro, a economia. Contudo, Foucault parte para uma noção oposta:

Minha hipótese é que com o capitalismo não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente

5 É possível que se encontre pouca precisão, na literatura nacional, acerca do conceito de medicalização. Embora essa noção seja frequentemente abordada e, ainda, Foucault seja um dos pensadores mais estudados, ainda se aborda de maneira simplista, sendo a teoria pouco detalhada.

6 La medicalización, es decir, el hecho de que la existencia, la conducta, el comportamiento, el cuerpo humano, se incorporaran a partir del siglo XVIII en una red de medicalización cada vez más densa y amplia, que cuanto más funciona menos se escapa a la medicina.

o contrário; que o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista (FOUCAULT, 2012, p. 80).

Deve-se ter em mente que seria deveras ingênuo considerar essa face do social como algo em consonância com uma preocupação em prol da população ou ainda uma espécie de humanização. Foucault deixa evidente que é de bom alvitre ao capitalismo essa socialização de saúde para os corpos, tendo em vista o *modus operandi* do próprio sistema: demanda produção constante e, para isso, não espera um contingente populacional adoecido, mas, ao contrário, plenas condições salutaras dos corpos para o ofício. Para ele, vive-se, com isso, em ritmo de criação, execução e consumo de novas dinâmicas de trabalho e relações sociais entre os indivíduos.

Sob essa perspectiva, podemos afirmar que os corpos sexualizados e racializados sempre vão ser aqueles em situações mais críticas de vulnerabilidade, ainda diante de um surto pandêmico. Cabe ressaltar o que muito se viu e se vê nos noticiários sobre essa questão nesse período: moradias em situações precárias em que vivem muitas pessoas, para além de seu “limite”, num contexto em que o mais seguro seria manter-se em casa. Ademais, essas pessoas são as mais incentivadas a se deslocarem, enfrentando o transporte público, na maioria das vezes, lotado, para trabalhar nas casas ou empresas daqueles com maiores condições financeiras. As condições de vida que lhes são exigidas, mediante a discriminação sexual e racial, mais uma vez evidencia o sofrimento em virtude do colonialismo e do patriarcado em que seus corpos padecem e que nos momentos de crise aguda se avolumam.

Quando o surto ocorre, a vulnerabilidade aumenta, porque estão mais expostos à propagação do vírus e se encontram onde os cuidados de saúde nunca chegam: favelas e periferias pobres da cidade, aldeias remotas, campos de internamento de refugiados, prisões, etc. Realizam tarefas que envolvem mais riscos, quer porque trabalham em condições que não lhes permitem proteger-se, quer porque são cuidadoras da vida de outros que têm condições para se proteger. Por último, em situações de emergência as políticas de prevenção ou de contenção nunca são de aplicação universal (SANTOS, 2020, p. 27).

Michel Foucault faleceu precocemente, aos 58 anos, em 1984. Sua morte se deu 36 anos antes do início da pandemia do COVID-19. Entretanto, seu pensamento se faz extremamente presente, atual e necessário para nossa reflexão enquanto sujeitos desses tempos – sua luta e sua obra são exemplos de libertação. Ao se aprofundar no estudo sobre o processo de constituição dos sujeitos juntamente às questões dos dispositivos de saber/poder, vê-se sua

preocupação acerca de como os sujeitos experimentam e/ou podem experimentar a própria vida, ou seja, volta-se, justamente, à prática e vivência da liberdade.

3 A EXPERIÊNCIA DE CURA DOS CORPOS POR JESUS

“O controle da sociedade sobre os indivíduos não se efetua somente pela consciência ou pela ideologia, mas também no corpo e com o corpo.” (FOUCAULT, 2012, p. 106)

Foucault coloca-nos que o corpo não é apenas de um composto orgânico, limitado ao biológico e a suas concepções. Para além, segundo o filósofo, o corpo pode ser traduzido como um complexo de forças, as quais apresentam-se num embate incessante e que deve ser concebido como elemento a ser problematizado. Foucault não se prendeu em conferir detalhes sobre o funcionamento da ação das forças e das relações de poder sobre o corpo e o que de fato elas seriam. Segundo ele, o corpo é a superfície que sofre o emprego dessas relações, caminho para subjetivação.

Esses processos de subjetivação, tendo como princípio que o corpo dispõe de formatos de inserção constantes para o exercício do poder, são compreendidos como dispositivos sociais. Isso, ao longo da história, aconteceu de modos diversos. Em resumo, afirma-se que sua perspectiva de subjetivação coloca o corpo em campo de luta entre o controle e as resistências ao controle. A contribuição de Foucault para o pensamento do corpo e das relações com o poder é colossal, ainda hoje e, inclusive, em nossos tempos de pandemia, em que muitas das forças aqui mencionadas se explicitam.

Mas ainda cabe a pergunta: como essas questões podem contribuir para uma reflexão teológica? “O nosso corpo é ponto de partida para a teologia” (REIMER, 2021, p. 96) e um dos pressupostos para a elaboração de uma teologia encarnada, próxima, a qual concebe a vida como totalidade. O corpo é instrumento para reflexão e às mais diversas e genuínas experiências com Deus. Em suma, a construção de um diálogo com o divino, as relações, o ambiente, perpassam a nossa corporeidade. Mediante ela, é possível que anunciemos o belo, a bondade, os prazeres e denunciemos mazelas, opressões, angústias, o que nos sufoca.

As alegrias e as dores que transcorrem em nossas veias vão mais à frente de “dualismos, essencialismos e abstrações que desprezam e prejudicam nossos corpos em suas múltiplas relações” (REIMER, 2021, p. 96), ao contrário, é impulso – auxilia-nos na luta. O mesmo se dá com a saúde e a doença de nossos corpos. Lamentavelmente, tem-se visto uma exacerbação da saúde plena, do corpo em suas plenas aplicabilidades e o que não se configura nessa condição é tido como desgraça, ausência de luz e do amor de Deus. Isso condiz com o sistema econômico-social no qual estamos inseridos, em que se exacerba o que muito e bem produz: o corpo “ativo”, belo (conforme os padrões impostos) e saudável fisicamente é o que recebe as maiores bênçãos de Deus. Inferioriza-se o que vai de encontro a isso.

Tais pretensões e atitudes transformam Deus num objeto de glória e glorificação, que não é solidário e que não sofre conosco. Uma teologia que afirma isso – Deus só está presente na cura, que a doença é castigo, que não alcançamos a vitória porque não temos fé suficiente, portanto que Deus está ausente nas situações de doença – é uma teologia limitada, limitante e discriminadora. Ela despreza a vida de milhares de pessoas que se encontram em situação de doenças incuráveis, portadoras de deficiências, pessoas que sofrem de patologias psicossociais... Além disso, sendo teologia cristã, ignora inclusive a própria Paixão de Cristo. Neste contexto, precisamos sempre de novo buscar elaborar uma teologia esperançosa de cura, a qual seja solidária com as pessoas doentes e com quem perde entes queridos por intermédio da morte! (REIMER, 2021, p. 97-98).

Nos Evangelhos segundo Marcos (5,25-34) e Lucas (8,43-48), pode-se notar, na narração da mulher que sofria com hemorragia, um enfoque na conjuntura de seu empobrecimento. Essa condição é resultado dos reflexos de sua enfermidade, do não restabelecimento de sua saúde por parte dos médicos e, principalmente, como a sociedade a vê diante dessa situação. Pode-se inferir, dessa forma, que, como hoje, já na época de Jesus “as doenças abrangem as dimensões psíquico-corporais e relacionais das pessoas” (REIMER, 2021, p. 110), interferindo, diretamente, no modo de suas vidas, tanto no âmbito econômico, quando social e afetivo.

Vê-se diante de uma chave de leitura da narrativa bíblica, em que, por intermédio de uma doença física, gera-se outras marginalizações. A mulher se consultou com vários médicos, pagou por isso, utilizando tudo o que tinha – nada funcionou – perde a esperança. Muito se pode propor quanto ao real cenário dessa mulher – a hemorragia de tão longa duração poderia ter ocasionado uma severa anemia, em que se perdem alguns sinais de vitalidade, disposição. Além disso, para a cultura judia, o contato com o sangue torna a pessoa impura (Lv 15,19-30) e, se descobrissem que ela não estava isolada, mas em meio à multidão, havia o risco de ela ser apedrejada. Enfim, diante disso, e tendo conhecimento da fama de Jesus, ela faz com que Ele se transforme num suspiro de esperança. Seu corpo é instrumento evidente de denúncia frente a tudo o que vivia, sofria e sobre o local no qual se insere.

A condição de doença evidencia a fragmentação de relações e sentimentos - representa um estado de “desconfiguração”, “descontinuidade”, não plenitude. Entretanto isso não nos autoriza fazer das pessoas com corpos doentes, vítimas, ou ainda, que as inferiorizemos. Na doença, há possibilidade de reação contra aquilo que discrimina. É denúncia. A mulher disse consigo: “Se ao menos tocar na roupa dele, eu ficarei curada.” (Mc 5,28). O princípio da época, ao contrário, instruía-lhe falar: “Se eu tocar na roupa dele, ele ficará impuro.” (MESTERS; LOPES, 2021). Mesmo diante dessa configuração social, ela se dispôs, buscou por um lugar de dignidade.

Ressalta-se que, quando há sofrimento por parte de um membro do corpo, todo o restante se envolve nessa dor. O ponto crucial reside no cuidado para que a enfermidade não se instale na totalidade do ser. Isso se dá com a vida, com as práticas cotidianas: vide a mulher com hemorragia, na luta e esperança contra a opressão. A exemplo de Jesus, podemos desejar e nos esforçar para que nossa teologia vá para além de algo que limita e desencoraja, mas que possibilite amadurecimento e crescimento na caminhada de fé. Que o nosso parâmetro, a valer, seja Jesus, que vai ao encontro, busca acolher, vê e, com isso, cura. A cura física é uma consequência da relação de cuidado, respeito e amor.

A mulher percebeu que tinha sido descoberta. Foi um momento difícil e perigoso. [...] Mesmo assim, a mulher teve a coragem de assumir o que fez. “Cheia de medo e tremendo”, caiu aos pés de Jesus e contou toda a verdade. Jesus dá a palavra final: “Minha filha, sua fé curou você. Vá em paz e fique curada dessa doença!” “Minha filha”, isto é, Jesus acolhe a mulher na nova família, na comunidade que se formava ao seu redor. Aquilo que ela acreditava aconteceu de fato. Jesus reconhece que sem a fé daquela mulher ele não poderia ter feito o milagre (MESTERS; LOPES, 2021).

Jesus sentiu algo, uma espécie de força havia saído dele (emanação física que opera as curas), e pergunta quem lhe tocara. Essa reação causa espanto nos discípulos, tendo em vista o volume expressivo da multidão. Há, aqui, a expressão de certa desarmonia entre as sensibilidades de Jesus e as dos discípulos. Os discípulos ainda compreendiam como os outros, não veem diferença. Grande é o risco de a indiferença se fazer componente de nossas vidas. Em tempos de pandemia, mortes, vítimas, casos diariamente são contabilizados, confundidos com números, estatísticas. Fruto do sentimento de indiferença, falta de empatia, o sofrimento, o luto, a dor de milhares de pessoas todos os dias tende a se tornar banal.

A postura de Jesus, em todo o relato evangélico, nunca beira a indiferença, mas tem cuidado e amor para com todos e todas. Os corpos, como dito, são sinal e impulso para anunciar e denunciar – são diálogo com Deus e possibilidade de união, crescimento, partilha. “Eles são o espaço onde se iniciam ou se abrem novos espaços, espaços de aceitação e acolhida, cura e salvação. Em e através de nossos corpos sadios e doentes, o Reino de Deus, como espaço de justiça e solidariedade, quer se fazer corpo presente!” (REIMER, 2021, p. 99).

Num diálogo com Foucault, pode-se concluir que “o corpo é uma realidade biopolítica; medicina, uma estratégia biopolítica”. Nisso, vê-se uma nova forma de abordar questões acerca do corpo. A partir disso, aborda-se de modo novo, dentre os muitos séculos passados, as questões que rondam o corpo diante da esfera político-econômica, de produção. Pelos inúmeros conhecimentos científicos biológicos, concentra-se uma atenção distinta sobre o corpo, fazendo com que tais conhecimentos se tornem novas bases de ressaltos do poder biopolítico sobre a sociedade e, ainda, sobre os indivíduos.

Sob esse olhar, na perspectiva da mulher que nem mesmo nome possui na narrativa, é possível que nos voltemos à Paixão diária do povo. Tamanhos são os fardos que carregam sobre seus corpos, os quais podem estar debilitados pelo cotidiano, pela luta diária, pelas forças das relações de vida e morte. Mas, dificilmente se vê expressão de tão grandiosa força como em seu interior. Conforme diz o Sumo Pontífice, Francisco:

Se, perante o desafio, não apenas desta pandemia [Covid-19] mas de todos os males que nos afligem neste tempo, agirmos como um só povo, a vida e a sociedade mudarão para melhor. Isto não é apenas uma ideia, mas sim um chamamento a cada um de nós, um convite para abandonarmos o isolamento autodestrutivo do individualismo, saltarmos para fora da ‘lagoazinha pessoal’ e lançarmo-nos para o rio largo de uma realidade e destino de que somos parte e que, no entanto, estão para além de nós” (PAPA FRANCISCO; IVEREIGH, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Os instrumentos que o governo se dará para obter esses fins [atendimento as necessidades e desejos da população] que são, de algum modo, imanentes ao campo da população, serão essencialmente a população sobre o qual ele age.” (FOUCAULT, 2012, p. 170)

Michel Foucault impulsionou suas pesquisas acerca da temática da biopolítica entre os anos de 1978 e 1979⁷ com a publicação da obra “O Nascimento da Biopolítica”, onde trabalha, segundo o eixo das economias de mercado do neoliberalismo da Escola de Chicago, as formas novas de controle biopolítico. Para o filósofo, o homem pode ser assimilado, no cenário neoliberal do pós-guerra, como aquele que é impelido, diretamente, pelas movimentações do mercado: o *homo oeconomicus*. Diante desse estímulo, ele é obrigado a responder, adaptando-se, inserindo-se.

A economia de mercado não subtrai algo do governo. Ao contrário, ela indica, ela constitui o indexador geral sob o qual se deve colocar a regra que vai definir todas as ações governamentais. É necessário governar por causa do mercado. E, nessa medida, vocês veem que a relação definida pelo liberalismo do século XVIII é inteiramente invertida (FOUCAULT, 2008, p. 165).

7 Michel Foucault, em *Naissance de la biopolitique* (Nascimento da biopolítica), descreve a história do ofício de governar, que, em seu sentido restrito manifesta sobre o que se trata o governo dos homens quando ocorre como exercício da soberania na política. Ele busca compreender o processo que o governo faz sobre si mesmo de racionalização quando se está, ainda, estabelecendo a autoridade de sua ação, tais quais regulamentos, noções gerais, objetivos para que se governe do melhor modo. São propostas, na realidade, o desenvolvimento teórico e prático do liberalismo e, mais em seguida, do neoliberalismo, suas condições de possibilidade. A partir dessa análise, desemboca-se na questão da biopolítica, mas de modo breve, não há aprofundamento até então.

Esse modo de analisar as questões biopolíticas possibilita uma visão mais ampla no que diz respeito a certo abismo social no Brasil (mas trata-se de conteúdo para um outro artigo). A pandemia do COVID-19 “se encaixa” nessa perspectiva, mas não somente nela. Para além dos corpos vitimados pelo COVID-19, convive-se com a realidade alarmante daqueles acometidos por muitas outras viroses e com grande taxa de letalidade – as quais poderiam ser praticamente eliminadas através de simples medidas de saneamento básico. Isso mostra que o corpo pobre é o que mais padece, inevitavelmente, sob variados aspectos.

Nesse sentido, é possível notar, ainda, grande desdém por parte dos nossos governantes, em especial do chefe do poder executivo do Brasil, o presidente Jair Bolsonaro, o qual, mesmo quando solicitado o mínimo de comedimento nos seus posicionamentos e ações em favor da população em geral, não se obtém sequer respeito e solidariedade, ainda quando em tempos de crise. Em todo tempo de pandemia, por parte dele e de seus seguidores, houve a insistência em menosprezar os reais riscos da doença, como da situação mundial em 2020 e 2021. Em contrapartida, possuía, como foco, o enaltecimento da economia e do mercado, valorizando aqueles que mantinham sua produção de trabalho como se não se estivesse nesses tempos de crise.

O conjunto de posturas e atitudes do presidente expõe sua necropolítica. Trata-se de um discurso de morte e, além disso, inaptidão para a gestão de assuntos que possuem vidas em questão. Uma série de escolhas permitiram que a população se encontrasse desamparada e com pouco, ou nenhum, sentimento de segurança quanto à sua saúde, emprego, moradia entre outros. Isso evidencia uma situação de relativização da vida e a colocação de graus de importância maiores sobre algumas situações em relação a outras. Atrasos no que diz respeito à liberação da vacinação, ou ainda, orientações contrárias à sua aplicação são alguns dentre os muitos exemplos.

Outrossim, existem ainda, muitas atitudes que demonstram uma política de desvalorização de determinadas pessoas frente a outras, mas que, aparentemente e erroneamente, se veem desassociadas da pandemia, como o desapareço em relação ao meio ambiente:

Só com uma nova articulação entre os processos políticos e os processos civilizatórios será possível começar a pensar numa sociedade em que humanidade assuma uma posição mais humilde no planeta que habita. Uma humanidade que se habitue a duas ideias básicas: há muito mais vida no planeta do que a vida humana, já que esta representa apenas 0,01% da vida existente no planeta; a defesa da vida do planeta no seu conjunto é a condição para a continuação da vida da humanidade. De outro modo, se a vida humana continuar a pôr em causa e a destruir todas as outras vidas de que é feito o planeta Terra, é de esperar que essas outras vidas se defendam da agressão causada pela vida humana e o façam por formas cada vez mais letais. Nesse caso, o futuro desta

quarentena será um curto intervalo antes das quarentenas futuras (SANTOS, 2020).

Em menção aos tempos de crise que estamos inseridos, que o apelo do Santo Padre, o Papa Francisco, possa ressoar nos corações, firmes no comprometimento com a Criação, nossos corpos, e a Casa Comum: “Sabemos que as coisas vão melhorar na medida em que, com a ajuda de Deus, trabalharemos juntos para o bem comum, colocando no centro os mais fracos e desfavorecidos.” (COLLET, 2021)

Dios en la pandemia
“Pedid y se os dará,
buscad y encontraréis”
Pedir y buscar unidos
como el inspirar y el espirar.
Pedir nos abre el corazón
al don de Dios, en su surgir,
en su crecer y en su sazón.
Buscar nos activa enteros
para salir y encontrar el don
que ya crece entre nosotros
al ritmo y forma de lo humano.
Dios sabe lo que necesitamos
y ya ha empezado a dárnoslo
antes que se lo pidamos
y es mayor que nuestros sueños.
En los trabajadores enmascarados,
los laboratorios en silencio,
las rutinas de servidores anónimos,
la soledad intubada y muda,
el vacío respetuoso de las calles,
los templos llenos de ausencias,
las cuatro paredes familiares,
los muertos al sanar a los heridos,
los entierros sin funeral ni llanto,
el cálido aplauso de las ocho
y las insomnes redes digitales,
ya está creciendo un don impredecible
desbordando nuestras oraciones
y las previsiones de los sabios.

¿Qué nueva humanidad se está gestando
en esta tierra que gime su embarazo?
No le pidamos a Dios impacientes
que presione el vientre de la historia
y acelere el parto. Es tiempo
de silencio servicial y expectante.

BENJAMÍN GONZÁLEZ BUELTA, SJ

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *Reflexões sobre a peste: ensaios em tempos de pandemia*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- ARCANJO, P. C. Foucault e a medicina social como estratégia biopolítica. *Sabedoria Política*. Disponível em: <https://bityli.com/kTRMX>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2006.
- COLLET, A. O apelo do Papa à responsabilidade de cada um na pandemia: evitar a tentação do hedonismo. *Vatican News*. Disponível em: <https://bityli.com/9LD8Lo>. Acesso em: 04 jan. 2021.
- COURTINE, J.-J. *Decifrar o corpo: Pensar com Foucault*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- DANNER, F. O Sentido da Biopolítica em Michel Foucault. *Revista Estudos Filosóficos*, São João del Rei, n. 4, p. 143-157, 2010. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art9-rev4.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2021.
- FOUCAULT, M. *Dits et écrits*. Tomo III. Paris: Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, M. *Estratégias de Poder*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1999.
- FOUCAULT, M. *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- FOUCAULT, M. Historia de la medicalización. *Educación médica y salud*, Washington, n. 1, v. 11, p. 3-25, 1977.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.
- FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. *O Nascimento da Clínica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- FOUCAULT, M. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRANCISCO, Papa; AVERIGH, A. *Sonhemos Juntos: O caminho para um futuro melhor*. Barcelona: Editorial Planeta, 2021.
- FREITAS, F. S. A perspectiva biopolítica da medicina social: SUS, PSF, neoliberalismo e pandemia. *Kínesis*, Santa Maria, v. 12, n. 31, p. 186-213, jul. 2020.

FURTADO, R. N.; CAMILO, J. A. de O. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. *Subjetividades*, Fortaleza, v. 16, n. 3, p. 34-44, dez. 2016. Disponível em: <https://bityli.com/zQsYTb>. Acesso em: 20 nov. 2020.

HAN, B-C. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.

KASPER, W.; AUGUSTIN, G. (Eds.). *Dios en la pandemia*. 2. ed. Cantabria: Sal Terrae, 2020.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MBEMBE, A. *Políticas da inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.

MESTERS, C.; LOPES, M. Vencer o poder da morte: Abrir um novo caminho até Deus. *Centro de Estudos Bíblicos*. Disponível em: <https://bityli.com/3nUYz>. Acesso em: 26 jun. 2021.

PANIKKAR, R. *Religión y religiones*. Tomo II. Barcelona: Herder, 2016.

PASSOS, J. D. *O vírus vira mundo*. São Paulo: Paulinas, 2020.

REICH, E.; BORGES, M. L.; XAVIER, R. C. (Orgs.). *Reflexões sobre uma pandemia*. Florianópolis: Néfiponline, 2020.

REIMER, I. R. *Milagre das mãos: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2021.

SANTOS, B. S. *A cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Almedina, 2020.

SILVA, E. A.; SILVA, M. M. O Brasil frente à pandemia de COVID-19: da bio à necropolítica. *Revista Confluências*. Niterói, v. 22, n. 2, p. 361-383, 2020.

SILVEIRA CHAVES, I. *Cristianismo sob Suspeita: as Provocações de Michel Foucault para a Teologia*. São Paulo: Garimpo, 2017.

SOUSA, C. R. de M. A necropolítica à brasileira. *Revista de Direito*. Viçosa, v. 13, n. 1, p. 1-27, 2021. Disponível em: <https://bityli.com/xwt9vs>. Acesso em: 03 jun. 2021.